

A INTERLÍNGUA NO NÍVEL CONCEITUAL: EVIDÊNCIAS DE INFLUÊNCIA TRANSLINGÜÍSTICA E REESTRUTURAÇÃO DA CONCEITUALIZAÇÃO DE MOVIMENTO EM BILÍNGUES PORTUGUÊS-LM/INGLÊS-LE

RENAN CASTRO FERREIRA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – ferreira.renancastro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As línguas não lexicalizam conceitos da mesma maneira (PAVLENKO, 2014). Conforme as construções disponíveis em cada língua, elementos diferentes de um conceito podem ficar em maior ou menor evidência. Um domínio conceitual que apresenta diferenças entre as línguas é MOVIMENTO. De acordo com TALMY (2000), num evento de movimento, um elemento (FIGURA) se desloca em relação a outro (FUNDO) seguindo uma TRAJETÓRIA, e esse movimento é realizado de uma determinada maneira (MODO). Enquanto TRAJETÓRIA é o *framing event* e, portanto, constituinte obrigatório na expressão de movimento, MODO é um coevento, frequentemente omitido. Nessa tipologia, o inglês é uma língua com *frame* no satélite, pois lexicaliza TRAJETÓRIA em satélites e MODO no verbo principal (ex.: *He walked across the street*). Apesar de MODO não ser elemento obrigatório na expressão de movimento, o fato de ser lexicalizado no verbo o torna prontamente acessível e faz com que línguas como o inglês o expressem com mais frequência. Línguas com *frame* no verbo, por outro lado, normalmente expressam TRAJETÓRIA no verbo principal e omitem o coevento MODO, que só é lexicalizado se o falante o perceber como saliente. Este é o caso do português (ex.: *Ele atravessou a rua* – como o fez andando, a falta de saliência perceptual torna desnecessária a lexicalização de MODO; *Ele atravessou correndo* – o MODO é menos típico e, por isso, mais saliente na percepção do falante, fazendo com que ele o expresse com a adição de um adjunto).

O desenvolvimento da interlíngua pressupõe uma aproximação gradual do desempenho-alvo na LE (SELINKER, 1972), e diferenças translíngüísticas como a explicada acima darão origem a transferências no nível conceitual (JARVIS; PAVLENKO, 2010). Ou seja, quando as línguas não lexicalizam os conceitos com o mesmo tipo de construção, os bilíngües poderão ser influenciados a se expressarem numa de suas línguas como o fariam na outra. De acordo com Pavlenko (2009), a transferência conceitual evidenciaria uma reestruturação lingüística e conceitual na mente bilíngüe.

Este trabalho, recorte da minha pesquisa de doutorado sobre o mesmo tema, apresenta parte dos resultados da investigação da transferência conceitual na expressão de movimento em inglês como língua estrangeira (LE) por falantes nativos de português, em que a hipótese de influência translíngüística entre língua materna (LM) e LE foi confirmada em bilíngües de três níveis de proficiência em inglês. O objetivo deste trabalho é apresentar dados inéditos sobre um fenômeno central no desenvolvimento interlingüístico e assim demonstrar a importância de se investigar a cognição bilíngüe na aprendizagem de LE.

METODOLOGIA

Este é um estudo transversal de abordagem mista – qualitativa e quantitativa, e de caráter exploratório, explicativo e experimental. A coleta de dados incluiu quatro tarefas: descrição oral em inglês de clipes de vídeo, descrição oral em português de clipes de vídeo, teste de nivelamento em inglês, e tarefa de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês. A amostra foi formada por 105 participantes adultos em três grupos: um grupo-controle com 30 falantes nativos de português que não sabiam inglês, um grupo-controle com 30 falantes nativos de inglês que não sabiam português e de um grupo-alvo com 45 bilíngues dessas línguas, subdivididos de acordo com o nível de proficiência (básico, intermediário e avançado).

O recorte apresentado aqui diz respeito à análise da tarefa de descrição de vídeos do grupo-alvo de bilíngues em comparação com o grupo controle de falantes de inglês-LM. No experimento, os participantes assistiram e descreveram 15 vídeos com eventos de movimento. Cada vídeo incluía uma combinação de de um estímulo de TRAJETÓRIA (subir, descer, entrar, sair ou atravessar) e um de MODO (caminhar, correr, pular, rastejar, rolar), realizados por uma pessoa em relação a um três elementos de FUNDO (rua, colina ou elevador). Cada TRAJETÓRIA foi mostrada em três vídeos diferentes, onde a ação era executada de três formas diferentes: MODO comum, menos comum, incomum. Na Figura 1, é apresentado um exemplo com quadros de uma das tríades de vídeos. A tarefa foi realizada em computador ou *smartphone* através de um aplicativo especialmente configurado para isso (Phonic.ai). As respostas foram coletadas em áudio imediatamente após cada vídeo, para que a

produção captada fosse a mais espontânea e natural possível. Com o uso de uma plataforma de análise de dados linguísticos (MaxQDA), as respostas foram transcritas e os padrões de lexicalização foram identificados e quantificados.



Figura 1. Capturas de três vídeos criados para a tarefa de descrição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma geral, os bilíngues expressaram movimento em inglês como esperado nessa língua: o padrão de lexicalização de língua com *frame* no satélite (padrão de língua-S: verbo de modo + satélite de trajetória) foi bem mais frequente do que o padrão de língua com *frame* no verbo (padrão de língua-V: verbo de trajetória com ou sem adjunto de modo) – 62% e 23,8% das frases, respectivamente. No entanto, apesar de a relação entre os padrões de línguas-S e V nas respostas dos bilíngues ser a esperada para o inglês, esse grupo mostrou uma frequência bem menor do padrão de língua-S e bem maior do padrão de língua-V do que o grupo-controle (93% e 6,6% respectivamente). Isso se explica pelo efeito dos níveis de proficiência em inglês-LE no grupo-alvo.

O teste estatístico de Mann-Whitney foi usado para comparar as médias de ocorrências do padrão de língua-S entre cada subgrupo de bilíngues (básico, intermediário e avançado) e o grupo-controle de falantes de inglês-LM, os resultados revelaram que todos os subgrupos de bilíngues utilizaram menos o padrão do que os falantes de inglês-LM e que as diferenças foram significativas em todas as comparações: falantes básicos ($p < 0,001$), intermediários ($p < 0,001$) e avançados ($p = 0,0098$). As médias de ocorrências do padrão de língua-S para cada grupo mostram uma tendência de maior utilização dessa construção conforme a proficiência aumenta (básico: 4,89; intermediário: 9,10; avançado: 12,97). As comparações estatísticas entre os subgrupos de fluência confirmaram isso: intermediários vs. avançados: $p = 0,0010$; avançados vs. intermediários: $p = 0,0024$. Esses resultados apontam para uma reestruturação das representações conceituais de movimento em LE em direção a uma performance-alvo.

Em relação ao padrão de língua-V (típico do português e menos comum em inglês), a tendência observada foi inversa. As médias de ocorrências dessa construção mostram que os falantes de nível básico usaram o padrão de língua-V um pouco mais do que os intermediários (4,78 e 4,24, respectivamente), mas o teste estatístico não revelou uma diferença significativa entre elas ($p = 0,8398$). Entretanto, a comparação entre as médias dos falantes intermediários (4,24) e os avançados (1,93) revelou uma diferença significativa ($p = 0,0013$), confirmando que os intermediários (assim como os básicos), empregaram o padrão de língua-V com mais frequência do que os avançados. Todos os subgrupos de bilíngues se diferenciaram significativamente do grupo-controle de falantes de inglês-LM no uso do padrão de língua-V: falantes básicos ($p = 0,0002$), intermediários ($p = 0,0001$) e avançados ($p = 0,0169$). As tendências descritas aqui são representadas visualmente na figura abaixo.

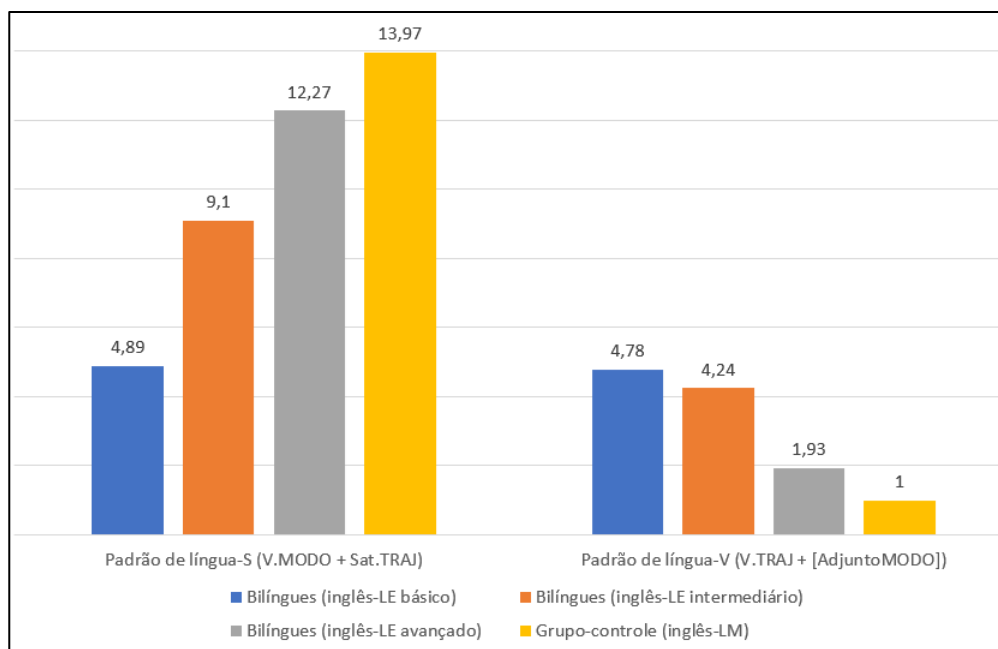


Figura 2. Médias de ocorrências dos padrões de lexicalização na tarefa de descrição de vídeos.

Além dos dois padrões típicos de lexicalização, os bilíngues utilizaram um terceiro tipo, que não foi observado nas amostras dos grupos-controle, e que chamei de “padrão híbrido”, pois ele combina o padrão de língua-S com o de língua-V. As frases desse tipo tinham um verbo de movimento genérico (ex.: *go*, *come*,

get), um satélite de trajetória e um adjunto de modo na forma de gerúndio (ex.: *The man went up the hill crawling*). Não se trata de um padrão de língua-S, pois nessas línguas os verbos genéricos são usados quando o falante escolhe não lexicalizar MODO. Também não é um padrão de língua-V porque nesse tipo de língua TRAJETÓRIA é expressa no verbo principal. Embora Talmy (2000) tenha descrito outros padrões de lexicalização, a combinação de elementos descrita aqui não é contemplada na sua análise. O padrão híbrido parece ser próprio dos bilíngues e indica influência translinguística conceitual da LM na produção em LE e uma reestruturação da representação mental de eventos de movimento. Há três motivos para esta conclusão: (1) a estrutura desse padrão de lexicalização contempla ao mesmo tempo elementos do padrão típico da LE-alvo e da LM, (2) a sua ocorrência, ainda que pequena (5,9% das frases), concorre com os outros dois padrões na amostra e (3) sua ocorrência parece diminuir conforme a proficiência aumenta, assim como diminui o uso de padrão de língua-V e aumenta o de língua-S. Ao usarem o padrão híbrido de lexicalização, os bilíngues provavelmente já percebem que o inglês expressa movimento de forma diferente, com maior lexicalização de MODO, mas ainda são influenciados pela LM a expressarem esse conceito através de adjuntos.

4. CONCLUSÕES

Os bilíngues deste estudo exibiram comportamentos que podem ser considerados como transferência conceitual, *i.e.*, influência de conceitualizações formadas a partir de uma língua na lexicalização dos mesmos conceitos em outra língua. Isso verificado através da constatação de que o grupo-alvo utilizou o padrão de língua-V em inglês-LE mais do que o fez o grupo-controle de falantes de inglês-LM. Os dados também mostram que essa influência translinguística diminui à medida que a proficiência em inglês aumenta, refletindo uma reestruturação conceitual na mente bilíngue em direção ao padrão da LE-alvo. Além disso, os bilíngues também utilizaram um padrão híbrido de lexicalização que combinou elementos das duas tipologias, indicando mais uma vez a influência translinguística conceitual e dando suporte à ideia de que o aprendiz ou usuário de LE cria hipóteses sobre ela e possui uma gramática mental própria – a interlíngua não se reestrutura apenas nos níveis gramatical e lexical, mas também no conceitual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JARVIS, S.; PAVLENKO, A. **Crosslinguistic influence in language and cognition**. New York: Routledge, 2010.

PAVLENKO, A. **The bilingual mental lexicon: Interdisciplinary approaches**. Clevedon: Multilingual Matters, 2009.

PAVLENKO, A. **The bilingual mind: and what it tells us about language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

SELINKER, L. Interlanguage. **IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v. 10, n. 1-4, p. 209-232, 1972.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics: Typology and Process in Concept Structuring**. Cambridge, MA: MIT Press, v. 2, 2000.